

H. J. 9833 72

RESPOSTA DE
SIR EDWARD GREY

AO

DR. VON BETHMANN-HOLLWEG.

CARTA ABERTA DIRIGIDA Á IMPRENSA BRITANNICA EM 25 DE AGOSTO DE 1915, BEM COMO UMA DECLARAÇÃO DO MINISTERIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS EM 1 DE SETEMBRO DE 1915.

Publicação authorizada por Sir Edward Grey, Cavalleiro da Ordem da Jarreteira, Membro do Parlamento. Ministro dos negocios estrangeiros.

EYRE & SPOTTISWOODE, LIMITED
LONDON

1915

H. J.
9833

12

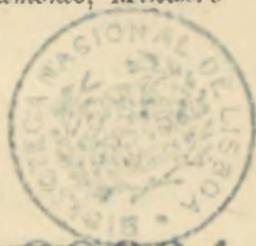
RESPOSTA DE
SIR EDWARD GREY

AO

DR. VON BETHMANN-HOLLWEG.

CARTA ABERTA DIRIGIDA Á IMPRENSA BRITANNICA EM 25 DE AGOSTO DE 1915, BEM COMO UMA DECLARAÇÃO DO MINISTERIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS EM 1 DE SETEMBRO DE 1915.

Publicação authorizada por Sir Edward Grey, Cavalleiro da Ordem da Jarreteira, Membro do Parlamento, Ministro dos negocios estrangeiros.



EYRE & SPOTTISWOODE, LIMITED
LONDON

7.68664

1915

RESPOSTA DE
SIR EDWARD GREY

AO

DR. VON BETHMANN-HOLLWEG.

SENHOR,—No discurso do chanceller allemão proferido na semana passada, encontram-se varias passagens, que a meu entender, podem bem ser apreciadas em forma de carta aberta á imprensa, antecipando mais amplo exame da situação, para o qual será appropriado algum outro methodo e occasião. Passarei pois a expôr os factos e as reflexões que suggerem, o mais concisa e claramente que podré, pedindo-vos a favor de os tornar publicos.

1. No outomno do anno passado, publicou a Allemanha o texto das conferencias belgas com o addido militar inglez, com o intuito de provar que a Belgica havia estado traficando comnosco a sua neutralidade e de facto envolvida em uma conspiração contra a Allemanha.

A conferencia de que maior partido se tem tirado, nunca foi relatada ao ministerio dos negocios estrangeiros, nem nesse tempo tão pouco o foi ao ministerio da guerra, segundo se deprehende dos archivos, e a primeira nota que della vimos foi por occasião da Allemanha ter publicado as notas belgas. Da sua leitura porem, só se deprehende que meramente se referia á contingencia de que quando a Belgica fosse atacada, a entrada do exercito inglez na Belgica só teria logar depois de violado o territorio belga pela Allemanha, mas nem por isso obrigava o governo inglez. Não existia convenção ou accordo algum entre os governos inglez e belga. Qual o objecto do chanceller allemão em mencionar estas conferencias de 1906, destituidas de character official, pondo completamente de parte o facto de ter eu dito ao ministro belga em Abril de 1913, pela forma mais cathgorica, que o que nós desejavamos em relação á Belgica, assim como ás demais nações neutraes, era que fosse respeitada a sua neutralidade e que emquanto não fosse violada por qualquer outra potencia,

por certo que não seríamos nós quem mandaríamos tropas para o seu territorio ?

É preciso lembrar que o primeiro uso que a Allemanha fez do documento belga, foi accusar a Belgica de má fé para com a Allemanha. Ora vamos aos factos como elles são. Em 29 de Julho de 1914, o chanceller allemão pretendeu subornar-nos com a promessa da futura independencia belga, para que nos tornassemos cúmplices da violação da neutralidade belga pela Allemanha. Ao rebentar a guerra descreveu elle o tratado belga como sendo um “pedaço de papel” e o ministro allemão dos negocios estrangeiros explicou que a Allemanha tinha que atravessar a Belgica para atacar a França, por não haver tempo para o fazer de outra forma. Vale a pena mais uma vez citar a declaração de Herr von Jagow :

O governo imperial tinha que avançar contra a França pela forma mais rapida e facil, para poder adiantar bem as suas operações e tentar descarregar um golpe decisivo com a maior antecedencia. Era para elle uma questão de vida ou

morte, visto que a ter de optar pelo caminho mais ao sul não podia contar, dada a deficiencia de estradas e a resistencia das fortificações, em abrir caminho, sem formidavel opposição, acarretando grande perda de tempo. Esta perda de tempo traduzir-se-hia em tempo lucrado pelos russos para trazer as suas tropas até á fronteira allemã. A rapidez de movimentos era o grande activo allemão, emquanto que o dos russos consistia em um fornecimento inexgotavel de soldados.

No Reichstag, tambem, em 4 de Agosto de 1914, o chanceller allemão, referindo-se á violação da neutralidade da Belgica e do Luxemburgo, declarou :

A injuria (fallo sem rebuço) a injuria que desta forma estamos commettendo, reparal-a-hemos logo que tivermos conseguido o objectivo de nossos fins militares.

Foi portanto propositada a violação da neutralidade belga, apesar de ter a Allemanha garantido de facto essa neutralidade

e por certo nada tem havido de mais vil e mesquinho do que a tentativa de o justificar *ex post facto* levantando contra o innocente e inoffensivo governo e povo belga, a accusação inteiramente falsa, de terem conspirado contra a Allemanha. O chanceller allemão, no seu ultimo discurso, não accentua esta accusação espalhada aos quatro ventos contra a Belgica. Tel-a-ha retirado? E a ser assim que reparação fará a Allemanha á Belgica pela cruel injuria feita?

2. As negociações para um accordo anglo-allemão em 1912 a que o chanceller allemão se referiu, chegaram ao ponto de ser perfeitamente claro de não poderem ter boa solução, a menos que nós dessemos uma promessa de absoluta neutralidade emquanto a Allemanha ficava livre em virtude de suas allianças, para tomar parte na guerra europea. Isto pode ser e ha de ser explicado, mediante a publicação de uma relação das negociações extrahida dos archivos no ministerio dos negocios estrangeiros.*

* *Veja-se o appendice.*

3. Cita o chanceller uma phrase isolada de meu discurso de 3 de Agosto de 1914, para provar que nós estavamos preparados para a guerra. Logo na phrase immediata, que elle bem poderia ter citado e não fez, disse eu: "Receio bem que nesta guerra tenhamos de soffrer terrivelmente, quer nella nos achemos envolvidos quer fiquemos de fora." Ora diga-me quem quer que seja, fóra da Allemanha, em qualquer paiz neutro, se estas palavras são de um homem que desejava e planejou a guerra europea ou que trabalhou laboriosamente para a evitar? Quem tiver lido o discurso por inteiro, pode ver quanto é evidente o alcance da falsa applicação dada a uma phrase isolada que o chanceller cita.

Quanto á outra declaração que me attribue, nem mesmo quando estavamos perfeitamente livres, quando o Japão que era nosso alliado não tinha tomado parte na guerra e quando não estavamos ainda compromettidos con outros alliados, como o estamos agora pelo accordo de 5 de Setembro de 1914, disse eu coisa alguma

tão ridicula ou falsa como o ter sido no interesse da Allemanha que nós tivessemos entrado em guerra e com o objecto de reprimir a Russia.

4. A guerra ter-se-hia podido evitar se se tivesse concordado com uma conferencia. Mas a Allemanha, com o pretexto mais futil fez malograr esse objecto. Não seria eu que por uma questão de fórma faria falhar a tentativa e portanto declarei-me prompto a consentir a qualquer methodo de mediação que a Allemanha quizesse propôr, se o meu não fosse aceitavel. A mediação seria posta em practica, disse eu, mediante qualquer methodo que a Allemanha julgasse possivel, bastando que ella carregasse o botão a bem da paz.

O chanceller allemão, segundo o seu discurso, nada encorajou alem de discussão directa entre Vienna e Petrograd. Mas que probabilidade haveria de successo quando, segundo depois soubemos, o embaixador allemão em Vienna estava exprimindo a sua opinião de que a Russia se poria de fóra, fazendo crear a impressão no animo dos collegas, de que desde

o principio havia desejado a guerra e que as suas pronunciadas predilecções pessoais provavelmente teriam dado côr aos seus actos alli ?

Dia virá em que o mundo talvez venha saber o que realmente se passou entre a Allemanha e a Austria com respeito ao ultimatum á Serbia e suas consequencias.

Tornou-se por demais apparente que na proposta que havíamos feito para uma conferencia, á qual assentiram a Russia, França e Italia e que a Allemanha oppoz, se encerrava a unica esperanza de paz. E que esperanza tão boa! A Serbia tinha accete o ultimatum, quasi que por completo, apezar de sua severidade e violencia. Os pontos em suspenso eram susceptiveis de solução honrosa e justa em conferencia de uma semana de duração. A Allemanha deveria ter sabido e por certo sabia, que nós desempenhariamos o mesmo papel correcto e honrado que ella reconhecera havermos já desempenhado na conferencia dos Balkans, trabalhando não pela victoria diplomatica de um grupo, mas sim por

uma solução equitativa e achando-nos promptos a oppormo-nos a qualquer tentativa que tivesse em mira explorar a conferencia illicitamente em desvantagem da Allemanha ou Austria.

A recusa da conferencia pela Allemanha, apesar de não ter decidido a participação da Inglaterra na guerra, decidiu de facto a questão de paz ou guerra para a Europa e firmou a sentença de morte de muitas centenas de milhares que tem sido mortos nesta guerra.

Tão pouco se deve esquecer que o imperador da Russia propoz ao imperador da Allemanha que a contenda austro-serbia fosse submettida ao tribunal da Haya.

Haverá alguma alma candida na Allemanha e Austria-Hungria que lançando um olhar retrospectivo para o anno passado, não lastime que nem a proposta Inglesa nem a russa tenha sido accete?

5. E qual é o programma allemão actual segundo deprehendemos do discurso do chanceller e declarações publicas na Allemanha? Ser a Allemanha a

senhora do destino das demais nações ; sera “ egide da paz e liberdade das “ pequenas e grandes nações ” taes são as palavras do chanceller ; uma paz de ferro e liberdade sob uma egide prussiana e debaixo da supremacia allemã. Allemanha suprema, só ser livre a Allemanha ; livre para passar por cima de tratados internacionaes ; livre para esmagar quando aprouvesse ; livre para recusar toda a mediação ; livre para ir para a guerra quando lhe conviesse ; livre, uma vez em guerra, para transgredir todas as leis de civilização e humanidade por terra e por mar e emquanto assim procedesse todo o seu commercio maritimo livre em tempo de guerra, como todo o commercio o é em tempo de paz. A liberdade dos mares poderá ser assumpto muito razoavel para discussão, definição e accordo entre nações depois desta guerra ; mas não por si só unicamente, emquanto não houver liberdade nem segurança contra a guerra e methodos allemães de guerra em terra. A ter de haver garantias contra guerra futura, que sejam ellas iguaes, comprehensivas e efficazes que obriguem a

Allemanha bem como as demais nações, incluindo a nossa.

A Allemanha quer ser suprema. A liberdade das outras nações tem de ser aquella que a Allemanha se dignar dispensar-lhes. Tal é apparentemente a conclusão que se deduz do discurso do chanceller, accrescentando a isto a declaração do ministro da fazénda allemão que o pezado gravame de milhares de milhões deve ser supportado durante decadas de annos, não pela Allemanha, mas sim por aquelles a quem ella se serve denominar de instigadores da guerra. Por outras palavras, durante dezenas de annos a Allemanha julga-se com direito a que todas as nações, que lhe resistiram, tenham de trabalhar para lhe pagar o seu tributo em forma de indemnisações de guerra.

Não é nestas condições que a paz se poderá concluir ou ser livre ou sequer toleravel á vida de outras nações que não sejam a Allemanha. Os discursos do chanceller allemáo e ministro da fazenda fazem parecer que a Allemanha está combatendo pela supremacia e tributo.

Sendo este o caso e emquanto assim o for, nossos alliados e nós estamos combatendo e devemos combater, pelo direito á vida, não sob a supremacia allemã, mas sim com liberdade e segurança real.

Subcrevo-me com consideração de V. Sa.

Attento e Creado,

E. GREY.

Ministerio dos negocios estrangeiros,

25 de Agosto.

APPENDICE.

DECLARAÇÃO DO MINISTERIO DOS NEGOCIOS
ESTRANGEIROS, COM REFERENCIA ÀS NEGOCIAÇÕES
ANGLO-ALLEMÃS DE 1912.

No jornal semi-official *Norddeutsche Allgemeine Zeitung* no mez passado, foi publicada uma relação das negociações anglo-allemãs de 1912. Esta relação está falseada e não resta duvida que o seu intuito foi o de lançar confusão, fazendo crer que o governo inglez havia rejeitado na occasião, o que no entender de muitos, se podia considerar como uma offerta razoavel de amizade da parte da Allemanha.

Nestas circumstancias, bom é que se publique uma narração dos factos, compilada dos archivos nacionaes. Em principios de 1912 delineou o chanceller allemão á Lord Haldane a seguinte formula, como sendo a que seria accetavel ao governo imperial :—

1. As altas partes contractantes asseguram reciprocamente o seu desejo de paz e amizade.

2. Nenhuma dellas fará ou preparar-se-ha para fazer algum ataque (sem provocação)

contra a outra ou se juntara a qualquer combinação ou qualquer intento contra a outra, com fins aggressivos, ou se associará a qualquer plano ou tentativa naval ou militar, por si ou em conjuncção com qualquer outra potencia, com mira a esta objectiva e declara não estar ligada por compromisso algum desta natureza.

3. Se uma ou outra das partes contractantes vier a achar-se envolvida em guerra com uma ou mais potencias e na qual se possa dizer não ter sido a aggressora, a outra parte observará, pelo menos, para com a potencia assim envolvida, uma neutralidade benevola e empregará os seu maximos esforços para localizar o conflicto. Se uma das altas partes contractantes for forçada a entrar em guerra, por evidente provocação de terceira parte, obrigam-se a combinar qual é sua attitude em tal conflicto.

4. O dever da neutralidade que resulta do precedente artigo, não tem applica aos accordos existentes, que as altas partes contractantes possam já ter concluido.

5. É prohibido formar novos accordos que tornem impossivel a uma das partes manter-se neutral para com a outra, alem do que estiver em seu poder para evitar discordias e mal entendidos entre uma ou outra dellas e outras potencias.

Estas condições, embora na apparencia equitativas entre as partes contractantes, teriam sido

extremamente injustas e parciaes na sua applicação. Devido á posição geral das potencias europeas e os compromissos por tratados a que se achavam obrigadas, o resultado dos artigos 4 e 5, teria sido que, ao passo que a Allemanha em caso de conflicto europeu ficaria em liberdade para auxiliar os seus amigos, este paiz achar-se-hia impedido de levantar um dedo que fosse em defeza dos seus.

A Allemanha facilmente poderia arranjar com que o inicio formal das hostilidades partisse da Austria. Se a Austria e a Russia se achassem em guerra, a Allemanha auxiliaria a primeira, o que se torna evidente pelo que se deu em fins de Julho de 1914; enquanto que logo que a Russia fosse atacada por duas potencias, era a França obrigada a accudir em seu auxilio. Por outras palavras, o penhor de neutralidade offerecido pela Allemanha teria sido absolutamente de nenhum valor, pois que sempre se poderia escudar com a necessidade de cumprir com as obrigações existentes que lhe eram impostas pela triplice alliança. Por outro lado, identico procedimento, por muito grave que fosse a provocação, não teria sido possivel a este paiz, que se não achava obrigado por allianças, com excepção das do Japão e Portugal, ao passo que pelo artigo 5 se achava impossibilitado de entrar em novas allianças. Em uma palavra, segundo mais tarde se patenteou, tinha que existir uma garantia de absoluta neutralidade de uma das partes, mas não da outra.

Para nós tornava-se impossivel fazer um contracto tão obviamente injusto, sendo portanto rejeitada a formula por Sir Edward Grey.

Á vista disto, instou o Conde Metternich para que lhe apresentassemos contra-propostas, as quaes, disse elle, seriam sem prejuizo nem obrigação, a menos que ficassemos convencidos que viriam preencher os nossos desejos sobre a questão naval. Sob este entendimento, Sir Edward Grey, em 14 de Março de 1912, deu au Conde Metternich a seguinte formula a qual havia sido approvada pelo ministerio :—

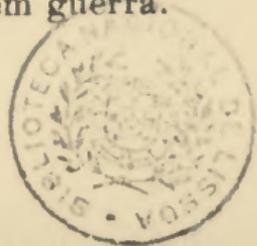
“A Inglaterra não fará ataque algum contra a Allemanha, sem provocação e não seguirá politica alguma aggressiva para com ella.

“A aggressão contra a Allemanha não é o objectivo, nem faz parte de nenhum tratado, entendimento ou combinação em que a Inglaterra tenha entrado, nem tão pouco ella se tornará accessoria a coisa alguma que obedeça a semelhante intuito.”

O Conde Metternich considerando esta formula inadequada propoz duas clausulas alternativas addicionaes :—

“A Inglaterra manter-se-ha, portanto, em neutralidade benevola pelo menos, no caso de guerra ser forçada sobre a Allemanha ;” ou

“A Inglaterra portanto, e como ponto assente, conservar-se-ha neutra se a Allemanha fôr forçada a entrar em guerra.”



Isto não seria obrigatorio, accrescentou elle, a menos que nossos desejos sobre o programma naval fossem prehenchidos.

Sir Edward Grey considerava as propostas inglezas como sufficientes. Explicou elle que se a Allemanha desejasse esmagar a França, a Inglaterra não poderia conservar-se de braços cruzados, apesar de que se a França fosse a aggressora ou atacasse a Allemanha o governo de Sua Magestade não lhe prestaria auxilio, nem este seria approvedo pela Inglaterra. Torna-se evidente que o objecto real da Allemanha com a sua proposta, era obter a neutralidade da Inglaterra em todas as contingencias, pois que, se rebentasse a guerra a Allemanha por certo affirmaria que a ella havia sido forçada e exigiria que a Inglaterra se conservasse neutra. Como exemplo admiravel do caso, é a guerra actual á qual, a despeito dos factos, persiste a Allemanha ter sido arrastada. A propria terceira alliada, que dispunha de fontes de informação que a nós nos eram vedadas, não partilhou deste modo de ver, considerando-a como uma guerra de aggressão. Eventualmente propoz Sir Edward Grey a seguinte formula :—

“ Achando-se as duas potencias reciprocamente animadas de desejos de manter a paz e amizade entre si, declara a Inglaterra que nem por si ou como associada com outros, fará ataque algum sem provocação, contra a Allemanha. A aggressão contra a Allemanha não constitue o objecto, nem forma

parte de qualquer tratado, entendimento ou combinação em que a Inglaterra tenha parte actualmente, nem tão pouco se tornará accessoria ao que isto tiver por objecto.”

Sir Edward Grey ao entregar esta formula ao Conde Metternich, disse que o emprego da palavra “neutralidade” produziria a impressão de que se queria dizer mais do que o texto authorisava; suggerindo que a essencia do que se desejava, se conseguiria e com mais correcção se exprimiria, pelas palavras “nem fará nem se “ associará em um ataque sem provocação.”

Nestas alturas, o Conde Metternich recebeu instrucções para tornar bem patente que o chanceller poderia recommendar ao imperador que abandonasse as partes essenciaes do Novelle (lei pendente ao tempo, para o augmento da esquadra allemã) só no caso de podermos concluir um accordo garantindo a neutralidade, de alcance mais avançado, sem deixar duvidas sobre a sua interpretação. Admittiu elle que o desejo do chanceller equivalia a uma garantia de neutralidade absoluta, na falta da qual, o Novelle teria de seguir os seus tramites.

O Conde Metternich declarou não haver probabilidade do Novelle ser retirado, mas disse que poderia ser modificado e que seria um desapontamento para o chanceller se não fossemos mais longe do que a formula que haviamos proposto.

Sir Edward Grey disse que bem podia avaliar que haveria desapontamentos, se o governo de

Sua Magestade declarasse que a execução do *Novelle* poria termo ás negociações e constituiria um obstaculo insuperavel a relações mais satisfactorias. O governo de Sua Magestade porem não declarou tal coisa e esperava que a formula que havia proposto podesse ser tomada em consideração, em conjunção com a discussão de arranjos territoriaes, ainda mesmo que não viesse a ser efficaz em evitar o augmento das despezas navaes.

Sir Edward Grey accrescentou, que podendo fazer-se algum arranjo entre os dois governos, teria elle favoravel effeito, embora indirecto sobre as despezas navaes á medida que o tempo fosse passando; alem disso, teria um effeito favoravel e directo na opinião publica de ambos os paizes.

Poucas dias depois, o Conde Metternich communicou a Sir Edward Grey a essencia de uma carta do chanceller na qual este dizia que, como a formula proposta pelo governo de Sua Magestade era insufficiente sob o ponto de vista allemão, e como o governo de Sua Magestade não podia acceitar a formula mais ampla que elle havia pedido, teria que proceder com o *Novelle* sobre o mesmo plano em que havia sido submettido ao conselho federal. Poz-se então termo as negociações assim como á esperanza de mutuas reduções nas despezes de armamentos dos dois paizes.
